

O LUCRO E A MISÉRIA

LUIS ROBERTO PONTE
Presidente da Sociedade de Engenharia do RS
lrponte@pelotense.com.br



O opróbrio da miséria em um país com forças para impedi-la, como o Brasil, é mais fruto da ignorância do que da cobiça e do egoísmo humanos. O desconhecimento dos caminhos para derrotar essa iniquidade conduz às práticas maléficas que a perpetuam, travestidas de solidariedade e justiça.

Todos sabem que miséria é não ter casa para morar, roupas para se abrigar, alimento para comer, saneamento para prevenir doenças, escola para aprender, hospital para se tratar, emprego para ter dignidade. Mas poucos percebem que quem pode suprir tudo isso não são os discursos inflamados apontando falsos culpados e protestando contra essa ignomínia que todos abominam, mas as empresas cumpridoras da lei, constituídas de empregados e empregadores umbilicalmente juntos em um penoso trabalho para prover essas necessidades.

Pouquíssimos percebem que a forma de acabar com a miséria é a criação e expansão de empresas cumpridoras da lei, tratadas com

dignidade e libertadas da insegurança jurídica, das exigências inúteis, da burocracia, da proliferação de normas e fiscalizações contraditórias, da legislação que gera o conflito trabalhista e das intervenções ruinosas do governo, que inibem sua existência.

Poucos são conscientes de que a educação é base da formação do caráter, da cidadania, da capaci-

A forma de acabar com a miséria é a criação e expansão de empresas cumpridoras da lei

dade de trabalho, do respeito à liberdade e aos direitos dos outros, sendo imprescindível assegurar a todos ensino de qualidade centrado nesses objetivos.

Muitos não vislumbram que sem recursos os governos não podem propiciar nem esse ensino, nem qualquer dos seus deveres para com a sociedade.

Quase ninguém vê que a miséria é decorrência de gastar os impostos pagos pelo povo sem judiciosas prioridades, malbaratando-os com as injustiças do empreguismo, dos privilégios, das aposentadorias precoces, das obras suntuárias, dos órgãos inúteis, da corrupção e da má gestão, práticas históricas que mantêm a chaga da pobreza absoluta.

Muito poucos atentam que sem recursos também as empresas nem sequer podem ser criadas e que a fonte mais justa e adequada para obtê-los é o lucro honrado havido com o respeito à lei.

São raros os que conseguem ver o lucro virando bens essenciais à vida, postos de trabalho, dignidade e impostos pagos conferindo segurança, saúde, educação e desenvolvimento.

Para muitíssimos, mesmo os bem-aventurados, será chocante o título deste texto quer afirmar que o lucro aplicado com consciência é a solução para a miséria, porque estão cegamente convictos de que, ao contrário, a ganância do lucro é a sua causa.

NA CONTRAMÃO

PEDRO DUTRA FONSECA
Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS
pedro.fonseca@ufrgs.br



É comum se ouvir que o futuro será da “sociedade de serviços”, pois o emprego e a produção dependerão cada vez menos dos setores primários, como agricultura e pecuária, e das manufaturas. Isso é verdade, mas a frase deve ser interpretada com cautela. Pode sugerir que a indústria agora é irrelevante e que seria “normal” sua perda de participação no PIB brasileiro nas últimas quatro décadas – de 30% para 11% – queda sem precedentes em nível internacional.

A marca do setor serviços é a heterogeneidade: banqueiros, prostitutas, deputados, narcotraficantes e professores – todos prestam “serviços”.

Seu crescimento se dá por vários motivos, até devido a segmentos da produção industrial terceirizados passarem a ser contabilizados como serviço. No Brasil, parte da mão de obra liberada no processo de desindustrialização foi para a informalidade, que hoje atinge o recorde de 41,4% da população empregada, ou 40 milhões de pessoas. O fato explica a baixa produtividade média da economia. Esta cai quando um técnico especializado migra para atividade aquém de seu potencial. Por isso uma hierarquia é necessária, como classificar os serviços pelo grau de complexidade e uso de conhecimento. Este elucida do que estamos falando. Nos países desenvolvidos, a “sociedade de serviços” é intensiva em pesquisa – como tecnologia da informação e da comunicação, internet das coisas, biologia sintética, sistemas ciberfísicos e manufaturas aditivas. O que é serviço e o que é indústria torna-se difuso, pois as atividades interagem e a consequência é um salto sem paralelo na produtividade e em ganhos de escala (maior produção com menor custo). O Brasil se atrasa e tem produtividade estagnada porque não consegue avançar nos setores intensivos em conhecimento.

Por isso, mascara-se o problema ao se admitir que a desindustrialização brasileira segue o padrão internacional. Na contramão, cada vez mais nos afastamos dos países líderes. A separação entre setores primário, secundário e terciário já não dá conta das transformações, pois o que interessa é o que e como se está produzindo em cada um deles. A única certeza é que o domínio do conhecimento é o fundamento da nova hierarquia social e do mundo da produção. E ainda há quem pense que educação, pesquisa, ciência e tecnologia são coisas secundárias.

Com a defasagem no conhecimento, cada vez mais nos afastamos dos países líderes

O MERCADO ENTRE O PASSADO E O FUTURO

JORGE BARCELLOS
Doutor em Educação/UFRGS
jorgealbertosaresbarcellos@gmail.com



Sobrevivendo a incêndios e conspirações, o Mercado Público de Porto Alegre completa hoje 150 anos. Nesse tempo, superou as funções de mercado para transformar-se em patrimônio cultural, imaterial e espaço de sociabilidade. Viu a cidade transformar-se em metrópole sem deixar de ser o velho mercado por onde passaram escravos, libertos, comerciantes, políticos, trabalhadores, fiéis de Iemanjá e artistas como Lupicinio Rodrigues, Francisco Alves e Carlos Gardel.

A paisagem ao seu redor é que se modificou. Barcos e carretas que chegavam às docas das frutas cederam espaço a praças e pontos de ônibus. Administrado pela Câmara Municipal, passou após para a esfera da prefeitura. Superou com desenvoltura a função do comércio da banca do peixe da Praça da Quitanda na Rua da Praia, nos idos de 1781, do pri-

meiro mercado, que existiu entre 1844 e 1869 e as necessidades do capital. Por quê?

Porque soube ser mais do que um mercado. É só olhar sua história: das impressões dos viajantes do século 19 maravilhados com a

Mais importantes do que o dinheiro das trocas são as vivências das pessoas

vida do lugar à cultura do comércio de “tabuleiro” das “pretas-minas”, da identidade religiosa do assentamento do Bará às transformações no seu entorno e no seu interior, como a construção do segundo pavimento, dos momentos difíceis por que passou,

como a enchente de 1941, os incêndios de 1912, 1972, 1979 e 2013 e as tentativas do capital para sua apropriação e desconfiguração, é sempre a história de homens e suas ideias superando as adversidades e desejo apenas por lucro.

É que mais importantes do que o dinheiro das trocas são as vivências das pessoas. O valor é sua identidade, seu patrimônio imaterial. Mantendo o tradicional incorporando lentamente o moderno, seu último desafio não é recuperar sua história que a reabertura de seu Memorial exige, mas enfrentar a nova investida do capital para sua apropriação, as parcerias público-privadas. É preciso definir que tipo de Mercado queremos para comemorar seus 160 anos: como mercado tradicional ou como espaço gourmet com direito a lojas de grife. Os permissionários são contra. A cidade deve se posicionar.